

CIDADANIA DEGRADÉE, MIGRAÇÃO SENEGALESA

Rosane Cristina Prudente Rose Thioune¹

RESUMO: Refletimos como a presença senegalesa em Salvador é um fenômeno migratório que insere o Brasil no trânsito dos que buscam conexões, com as suas redes de afinidades culturais e identitárias. O deslocamento do fluxo migratório senegalês, da América do Norte e Europa, para a América Latina, materializa nas ruas soteropolitanas um potencial humano diversificado: um negro estrangeiro – poliglota e letrado, um empreendedor individual que mantém seus hábitos culturais e seus laços identitários. Nesta perspectiva, os estudos culturais pontuam como a imigração desses sujeitos, dos senegaleses em Salvador, rasga os ideários depurativos raciais da identidade nacional, possibilitando atualizações culturais, de comunidades compartilhadas entre – Salvador (Brasil) e Dakar (Senegal).

Palavras-chave: MIGRAÇÃO, CULTURA, IDENTIDADE, SENEGAL

INTRODUÇÃO

A crescente entrada de imigrantes negros em nosso território, após 2010, tem arranhado a construção da imagem de um Brasil mestiço, no qual a democracia racial dá oportunidades a todos os cidadãos. Os senegaleses que desejam conquistar a América deparam-se, aqui, com um contexto no qual a sua inserção sócio econômico-cultural também é pautada na seletividade da tonalidade da pele, desigualdades e exclusões sociais recorrentes aos negros brasileiros, que agregadas ao desconhecimento, no senso comum dos brasileiros, das culturas e identidades africanas têm causado tensões na socialização desses sujeitos.

Migrantes ou refugiados senegaleses encaram, no Brasil, a difícil tarefa de apagar, em seus percursos de ressocialização na nova nação, os rastros fixados no imaginário nacional, quanto a homogeneização das etnias africanas e o apagamento dos antecedentes à escravização desses povos. Apesar de darem o tom as principais

¹ Universidade Federal da Bahia - UFBA/CAPES. Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Prof. Milton Santos. Mestranda do Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade – PÓS-CULTURA. Membro do Grupo de Estudos Culturais – Ecus, do Pós-Cultura, do Núcleo de Estudos Lexicais, NEL - Ppgel – UNEB e do Grupo Cartografia dos Direitos Humanos dos. Migrantes – Universidade de Brasília/-UNB. Graduada em Língua Portuguesa e Literaturas - UNEB. E-mail: dare.rose@gmail.com.

manifestações culturais brasileiras, na música, dança, artes, as culturas africanas, aqui, foram apagadas e silenciadas como folclorizadas ou manifestações híbridas. Ação necessário para a construção do mito da democracia racial, de um país “mestiço”.

Enfrentando o senso comum soteropolitano, que coloca no mesmo caldeirão, - África – seus países e suas diversas culturas, as identidades que hoje constituem o Senegal, tem inserida na rota de sua emigração Salvador. Motivados pela atração da maior cidade negra fora da África – Salvador - tem construído a imagem de cidade da música, da cultura, um local onde as culturas, religiosidades e matricidades africanas são preservadas e respeitadas. Relevante na rota dos escravizados, entre o século XVI e XIX, Salvador no século XXI reserva aos negros que aqui aportam, não como imigrantes escravizados, mas sim como imigrantes voluntários, cientes de sua origem étnica uma atração as semelhanças: com o panorâmico físico das cidades – Salvador e seus contornos – Ilhas e recôncavo baiano – com Dakar e arredores como a Ilha de Gorée.

Legalmente acabamos com a escravização e racismo é crime, só que essas premissas legalistas não garantem que esses imigrantes, normalmente, plurilinguísticas e com um letramento pedagógico acima dos negros soteropolitanos consigam uma fácil inserção socioeconômica. Então como conquistar a América através do Brasil? Como recriar uma comunidade compartilhada? Em um país que é veiculado na África como um reino de paz e harmonia, para as diversidades culturais, de tolerância religiosa, onde as raízes africanas são a alma de uma nação sem racismo, mas que esconde as agruras fratricidas da fome, violência e exclusão social.

Dentre as 81 nacionalidades refugiadas, no Brasil em 2015, somente 1% dos refugiados escolhem o Nordeste, região demográfica onde Salvador esta inserida, como destino. Os senegaleses, tanto como refugiados ou imigrantes, quando podem escolher, ficam encantados em morar em um local com 75,6% (PNUD: 2016) de população negra. Mesmo que não tenham acesso a assistência consular ou de qualquer ação humanitária dirigida a imigrantes ou refugiados. O que, nessa cena, obrigará Salvador a inserir um repertório de perspectivas de políticas, ações que traduzam essa migração de motivação étnica, cultural em benefício de solidificação de metrópole diversificada e plural.

TRÂNSITOS ATLÂNTICOS

No Brasil, as populações negras são pontuadas pela origem das prerrogativas da escravização, legados culturais ressignificados – samba, maracatu, congada, reisado, bumba-meu-boi, etc., mas não como manifestações que resistiram na diáspora. Cenário diferente quando se fala dos imigrantes não negros, manifestações culturais como a tarantella, fado, etc parecem blindadas a fusão que as descaracterizem. Mas são polos irradiadores as outras manifestações, ou seja, uma mão única, que as hierarquiza.

Transplantados de inúmeros reinos, os africanos tiveram na fragmentação de sua ancoragem étnica um dos lucros das: estratégias escravagista de partilha dos grupos escravizados, para múltiplas localidades territoriais no Brasil. Já do outro lado do Atlântico a invenção da África e a partilha de reinos para a criação dos Estados Nações, deflagrada pela Conferência de Berlim (1884-1885), acabaram diluindo essas mesmas nações, que tiveram parte de suas populações extraídas para o tráfico atlântico.

A diáspora africana no Brasil foi constituída pelo transplante e genocídio de aproximadamente cinco milhões de africanos, originários das regiões Banto e do Oeste africano, durante os séculos XVI e XIX (PESSOA: 2009, p. 26). O Senegal, fincado na África Ocidental, é fronteiro com o oceano atlântico, Gâmbia, Guiné, Guiné-Bissau, Mauritânia, Mali, tem uma superfície de 197.722 km², menor do que a maioria dos estados brasileiros. Com uma população estimada de 15,13 milhões, o Senegal tem um grupo étnico e linguístico que lidera com o francês o status de língua oficial, os Wolof. Sendo falado por outras etnias como os peuls, tucurors, sereres, madingas, diolas, garante que normalmente os senegaleses dominem, no mínimo, as línguas nacionais e as suas línguas maternas.

Dakar, é o portão de entrada da África Ocidental, ponto de conexão de roteiros aéreos e marítimos entre a Europa e Sul da África, Capital do país foi fundada em 1857 e esta situada na península de Cabo Verde. A sua posição estratégica no Atlântico tem sido explorada para as conexões com o Brasil e a América Latina, seja durante a expansão colonial portuguesa, nas grandes guerras mundiais ou na rota de imigração ou refúgio contemporâneas.

Os Wolof² (MATTOSO: 2001, p.24), capturados na região do Senegal atravessaram a “Porta do Sem Retorno”³, na Ilha de Gorée⁴, trazendo para a Bahia sua bagagem linguística: oral e letrada, as artes: marcas de um legado sociocultural que aqui foi incorporado pelos Ketus, Gegês e Angolas, em uma fragmentação identitária que as agregou ao senso comum das tradições, da nacionalidade brasileira (TIOUNE:2014, p. 43). Pois apesar da grande herança civilizatória africana, o Brasil e a África, extremos do “Atlântico Negro”⁵, persistem distantes e fluem motivados pela busca de um contexto onde as similaridades étnicas e culturais criem “territórios usados” - a ponte na qual a “terceira diáspora”⁶ deflagra intercâmbios e vivências mais consistentes.

Ponderando sobre a memória coletiva (DELGADO, 2006, p.69), a escravização africana significou, dentre outras coisas, uma fragmentação de códigos, uma recontextualização das mensagens identitárias, por todas as contingências sociais que, na diáspora soteropolitana, foram requalificadas como símbolos e representações míticas da baianidade. Fragmentos que com um aporte do lúdico, mitológico, cultural e da literatura oral, transcenderam o seu espaço marcado, onde estas lacunas deveriam ser preenchidas por práticas pedagógicas que ancoram o apagamento das culturas pós-modernas africanas, adentrando pela pós-modernidade, no Brasil, recém-saído da escravização um suporte legal para as ações afirmativas quanto aos conteúdos na educação. A aprovação das Lei 10.639/03⁷, Lei n. 11.769/ 2008⁸ esta exigindo que os meios acadêmicos reflitam sobre a África, berço da escravização, canonicamente narrada nos livros didáticos e por consequência nos currículos escolares seja revista. O que esta oportunando a emersão das africanias como saberes e conhecimentos.

O Brasil, após 450 anos de escravização, tem a maior população de origem negra fora da África, ou seja o último país, no mundo, a acabar com a escravização

² Wolof – Império, de origem pré-colonial, que denomina um grupo étnico e a língua nacional do Senegal.- <http://civilizacoesafricanas.blogspot.com.br/2010/03/imperio-wolof.html>

³ Porta do Sem Retorno – porta que simboliza a passagem de imutabilidade e destituição da cidadania, dos que a atravessavam, para a condição de escravizado transatlântico. <http://www.alem-mar.org/cgi-bin/quickregister/scripts/redirect.cgi?redirect=EEVZFyVuuZvFfwuRzW>

⁴ Ilha de Gorée – local do Senegal em que os traficantes aprisionavam os escravizados para a travessia atlântica, hoje abriga o Museu da Escravidão do Senegal. <http://whc.unesco.org/en/list/26>

⁵ Atlântico Negro – Termo criado por Paul Gilroy, expressa as relações da escravização transatlântica. GILROY, Paul. **O Atlântico negro**. São Paulo, Editora 34, 2001.

⁶Terceira diáspora – termo criado por Goli Guerreiro, expressa as conexões, socioculturais, da África com as comunidades da diáspora que ocorrem graças a revolução tecnológica. GUERREIRO, Goli. **A rede atlântica como espaço de produção cultural**. Salvador, Anais do ENECULT, 2005..

⁷ Lei 10.639/03 aponta o ensino das culturas africanas.

⁸ 11.769/ 2008 aponta o ensino de música nas escolas

transatlântica, ainda precisa de leis e leis que assegurem a cidadania dos negros. Nós vivemos o mito da democracia e a prática da demagogia racial. Nosso melhor produto de exportação continua sendo a sexualidade da mulher e do homem negro seja na exploração sexual ou nos remexos do samba, pagode, funk, etc.

O país emergente, entretanto pontua a distinção racial como fator de exclusão da produção e da acessibilidade aos meios de cultura, saúde e a todas as benesses que a contemporaneidade oferece ao cidadão. Antagonicamente todas as ponderações desfavoráveis são pontuadas para a população negra: a violência à mulher negra e a policial, contingente nas maiores faixas do desemprego, exclusão dos sistemas públicos de educação e saúde, relevante habitação no sistema carcerário. Onde situações bárbaras ainda condicionam gente para uma pretensa reabilitação seja praticamente impossível, aos fatores do contexto socioeconômico.

Tanto o Brasil quanto o Senegal têm uma composição étnica plural, mas a preponderância da população negra aqui é atestada por um fenótipo marcado pela tom da pele. Enquanto que no Senegal as características étnicas e identitárias são pontuadas pelos hábitos, socioculturais.

IDENTIDADES CRUZADAS

Segundo os dados do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento da Nações Unidas (PNUD), de 2009 e 2010, o Senegal tem uma das maiores economias da África, porém quase dois terços da renda total do país vão para os 20% mais ricos da população, enquanto os 20 % mais pobres (todos os quais são negros ou "de cor") recebem apenas 4%.

No Senegal a questão da identidade está ligada a linhagem familiar, as tradições locais, o que significa que não é necessária uma gradação de pele para a afirmação desta. Durante a sua dominação, a supremacia branca francesa, lapidou um sistema sofisticado de opressão étnica, tentando despertar o desejo dos valores franceses – assimilação aos povos senegaleses, mas a sociedade senegalesa, marcada pelas tradições ligadas as famílias étnicas e a sua correspondente hierarquia tem nesta estrutura fixa uma possibilidade de posições sociais que as fortalece.

Se ha indicado cómo el concepto convencional de cultura, que había nacido para cuestionar el racismo, ha empezado paradójicamente a ser utilizado racialmente. El concepto de cultura cuestionó el racismo porque

demostró que las diferencias biologizadas de los grupos humanos (generalmente articuladas por ideas de raza) no eran relevantes para explicar los comportamientos, habilidades y características morales de los seres humanos (Trouillot 2011). No obstante, cada vez es más común que se hable de la cultura como un determinante del comportamiento un grupo o un individuo de la misma forma que se había recurrido al de raza. RESTREPO: 2014, p 14.

Já a formação de relações sociais fundadas nessa ideia, produziu na América identidades sociais historicamente novas: índios, negros e mestiços, e redefiniu outras. Assim, termos com espanhol e português, na colonização, e durante a abertura da imigração, mais outros europeu, que até então tinham a identidade marcada pela procedência geográfica e não por uma conotação racial.

No Brasil a identidade esta associada a compartimentos ligados as questões étnicas, pautadas na tonalidade da pele. Hierarquizando as relações sociais, a conotação “racial” da identidade, estabelece um instrumento de classificação social básica da população. (QUIJANO: 2005, p. 228). Partindo desta premissa, a presença senegalesa em Salvador possibilita encontros e agenciamentos, de uma verdadeira cartografia das multiplicidades, pois considerando o território não só como espaço vivido, mas sob a perspectiva de um lugar que estes imigrantes podem se sentir em casa, no território soteropolitano esses podem construir e capturar representações, comportamentos de tempos e nos espaços sociais, culturais e estéticos.(ROGÉRIO, BRUCEA , p.6. apud GUATTARI e ROLNIK, 1986:323.);

Pois já que a estratificação social embasada na origem genealógica e na tradição, impera mesmo em um Senegal contemporâneo resta aos inconformados com seu status, a tentativa de migrar. A priori, onde o patrimônio civilizatório, a essência destes indivíduos, agregue oportunidades na luta pela ampliação do seu capital material. O que possibilita uma mobilidade estrutural e de posição social aos imigrantes brancos, no Brasil, antagonicamente retêm na premissa da imobilidade social dos negros brasileiros, os imigrantes senegaleses.

IMIGRANTES OU REFUGIADOS

Na ação cumulativa de vários fatores, a cultura migratória senegalesa, baseada no seu capital humano, esta associada ao capital social das redes migratórias, já que

possibilitam a localização de perspectivas de empregabilidade no exterior. Pois normalmente buscam um contexto social estável, referenciado por familiares que anteriormente desbravaram estes territórios, situação diferente da imigração contemporânea para Salvador.

Já que fugindo da teoria de atração e expulsão de Ravestein, e análises econômicas clássicas, o deslocamento de senegaleses para Salvador deflagra migrações externas e internas, percebidas pelo princípio da causalidade cumulativa e o papel exercido pelas redes sociais. Nos estudos migratórios clássicos, atentos a sincronia e ou diacronia (histórica), o locus da ação de migrar perpassa pela análise estrutural quanto ao âmbito do indivíduo, ou seja no nível da análise do seu domicílio, comunidade, região geográfica, ou outra dimensão; tentando entender as causas e efeitos da migração (SANTOS, Mauro et al: 2010, p. 14), prioritariamente pelos seus efeitos na produção de capital, entretanto quanto aos senegaleses estamos preocupados com a criticidade que esta “imigração cultural” atualizará as discussões quanto a cultura e identidade.

O contexto pós-colonial da África do Oeste ainda aprisiona países como o Senegal em uma relação imperialista, pois o seu pertencimento a comunidade Francófona perpassa por uma subordinação imperialista, “uma fonte de poder que legitimou as relações de dominação, superioridade/inferioridade, e estabeleceu uma dependência estrutural histórica ligada ao capital e ao mercado mundial (Quijano, 2000). O que propicia que os senegaleses sintam a necessidade de desvendar outros destinos, buscar roteiros que possibilitem uma melhor inclusão social, desistir da Europa e dos Estados Unidos e desvendar a América Latina.

A última década na América Latina assistiu a uma mudança na noção de desenvolvimento, de progresso econômico para uma visão mais humanista, que enfatiza o indivíduo e a qualidade de vida. Essa nova construção, em geral mais conhecida como “desenvolvimento humano integral e sustentável”, encontra terreno nas perspectivas de Manfred Max-Neef e Amartya Sen. Ela enfatiza as interconexões da economia com as esferas política, sociocultural e ambiental, assim como as necessidades, capacidades e potencialidades dos seres humanos. WALSH: 2010. p.2.

O que nos últimos cinco anos tem colocado, o Brasil na conexão obrigatória da migração, percebendo-se um quantitativo crescente de refugiados e imigrantes, que fixam-se em diferentes regiões do país. Apesar de participar, desde 1951, da Convenção

das Nações Unidas de 1951 sobre o Estatuto dos Refugiados e do seu Protocolo de 1967, só em 1997 promulgou a Lei nº 9.474/97 que regulamenta a questão. Motivação para a criação do Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE), órgão interministerial, que sob a tutela do Ministério da Justiça, articula a inserção documental, para que os refugiados possam acessar a mobilidade territorial e a socialização econômica social no país.

Imigrantes que são vítimas potenciais do tráfico de pessoas, já que não temos uma legislação brasileira de imigração que permita um fácil acesso dessas pessoas para o nosso mercado de trabalho. O fluxo misto causado por questões econômicas insere o Senegal nestas perspectivas, pois a desatualização de nossa política migratória dificulta o trânsito para trabalho e empreendedorismo, instigando-os a tentar a entrada no Brasil, como refugiados.

Com uma população de 12,9 milhões de pessoas, uma renda per capita de US\$ 1.653, pobreza de 46,7 %, IDH de 0,47 ocupa uma posição no 162^a dentre os 188 países e territórios. O Senegal tem uma população de 16 milhões, com IDH de 0,754 e pobreza de 9,96%. Apesar de terem entrado no Brasil como escravizados os africanos foram excluídos pela Lei n. 97 de 1892 de livre imigração no Brasil, pois eram considerados “inconvenientes a civilidade brasileira”. Um alinhamento ao decreto do governo provisório de 1890, que tinha como finalidade a depuração da raça brasileira, pois os considerava impuros como os asiáticos. (SCHWARCZ: 1993, p. 184).

Acreditando que no Brasil alcançarão uma prosperidade que só a América pode propiciar, alguns entram no Brasil pelas fronteiras amazônicas, normalmente pelo Acre, sem saber realmente se vão ficar no Brasil ou vão para outro ponto da América Latina. Outros entram pela via marítima ou aérea e podem escolher seus destinos. Em 2012 os imigrantes senegaleses no Brasil eram de 431 e somente 6 conseguiram visto permanente no Brasil. 961 solicitaram refúgio em 2013, já em 2014 1.063.

No Brasil, de acordo com o relatório de 2016 do Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE), órgão ligado ao Ministério da Justiça, as solicitações de refúgio cresceram 2.868% nos últimos cinco anos. Passaram de 966, em 2010, para 28.670, em 2015. Até 2010, haviam sido reconhecidos 3.904 refugiados. Em abril deste ano, o total chegou a 8.863, o que representa aumento de 127% no acumulado de refugiados reconhecidos, incluindo reassentados.

O relatório mostra que os sírios formam a maior comunidade de refugiados reconhecidos no Brasil. Eles

somam 2.298, e são seguidos pelos angolanos (1.420), colombianos (1.100), congoleses (968) e palestinos (376). Ao todo são 79 nacionalidades presentes no Brasil. AUNCR/ ACNUR⁹- ONU: Balanço até abril de 2016.

Na distribuição nacional, o nordeste esta com 1% do destino territorial destes imigrantes. As cidades no Sul do país tem usado isso a seu favor, realizando parcerias e programas de inclusão social para os senegaleses, ou Recife, no Nordeste que estabeleceu convênios de cooperação internacional com a indústria pesqueira e pesquisas científicas na área de saúde.

Em Salvador, a principal motivação da imigração ocorre por questões culturais, desprotegida de políticas para a ressocialização dos senegaleses, imigrantes ou refugiados. A mobilização de rede que atrai os senegaleses para Salvador os coloca como pioneiros, já que não havia uma comunidade familiar que os atraísse.

CIDADANIA DEGRADÉE

Enquanto a ciência já comprovou que a raça humana é única, a pigmentação da cor da pele é um contexto trabalhado historicamente em nosso país. Quanto mais clara a tonalidade e a assimilação de valores eurocêntricos, maior é o prestígio social de um individuo no Brasil. Nossa República continuou a política lusitana de miscigenação e apagamento do perfil identitário. Todos os ícones de nossa cultura foram categorizados como folclóricos e ou atualmente segmentados como cultura negra.

Um estudo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, de 2008, realizado com 15.000 mil domicílios nos estados do Amazonas, Paraíba, São Paulo, Rio Grande do Sul, Mato Grosso e Distrito Federal, ratifica que 67% dos entrevistados acreditam que a cor da pele manipula o transito social em nosso país. O Distrito Federal teve pontuação relevante os maiores percentuais de percepção da influência da cor em quase todas as situações citadas, tais como “trabalho” (86,2%), “relação com justiça/polícia” (74,1%), “convívio social” (78,1%), “escola” (71,4%) e “repartições públicas” (68,3%). Apenas em “casamento”, a Paraíba ficou com 49,5% contra 48,1% do DF.

O PNUD (2012), aponta que a primeira preocupação dos brasileiros, inesperadamente, refere-se à valores, questão que enfoca a categorização situacional da

⁹ ACNUR – Agência das Nações Unidas para Refugiados;

segmentação étnica negra. Na última pesquisa segmentada, quanto a questão racial em 2005, a instituição divulgou no relatório: “Racismo, pobreza e violência”, que ocorre uma contrastiva desigualdade racial no país. Segundo a pesquisa: a população negra representa:

- ✓ 44,7% da população total, porém são 70% entre os 10% mais pobres e não passam de 16% entre os 10% mais ricos;
- ✓ o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M)¹⁰ da população branca é muito mais alto que o da população negra: se negros e brancos formassem um país à parte, a distância entre eles seria de 61 posições no ranking mundial, com os brancos em 44º lugar e os negros em 105º lugar;
- ✓ quanto mais alta é a faixa de renda, menor é o percentual de negros que a integra;
- ✓ do total de rendimentos apropriados por famílias brasileiras em 2000, metade foi apropriada pelos homens brancos; a população negra respondeu por pouco mais de um quarto (26%) dos rendimentos do país, embora seja quase a metade dos habitantes. Dos 50% restantes, as mulheres brancas ficaram com 24%;
- ✓ 75,6% da população pobre do nordeste é constituída por negros;
- ✓ os negros são a grande maioria das vítimas mortas nas ações policiais, o que constitui claro indício da existência de um viés racista nos aparelhos de repressão policial;
- ✓ o serviço doméstico é a maior área profissional feminina do país, ocupando aproximadamente 4.6 milhões de mulheres, em um total de 5 milhões de trabalhadores em 2000, 71% dessa mão de obra é ocupada por mulheres negras;

Por conta deste cenário, além da constituição de 1988 quando aponta que todo ser humano; independente de status, religião, e principalmente cor “da Pele tem direitos e deveres iguais. temos uma repertório legalista que entre iniciativas como: o Estatuto

¹⁰ O IDH foi criado para medir o nível de desenvolvimento humano dos países a partir de indicadores de educação (alfabetização e taxa de matrícula), longevidade (expectativa de vida ao nascer) e renda (PIB per capita). Seus valores variam de 0 (nenhum desenvolvimento humano) a 1 (desenvolvimento humano total). Países com IDH até 0,499 são considerados de desenvolvimento humano baixo; com índices entre 0,500 e 0,799 são considerados de desenvolvimento humano médio; e com índices maiores que 0,800 são considerados de desenvolvimento humano alto. O Índice de Desenvolvimento Humano também é utilizado para aferir o nível de desenvolvimento humano em municípios, denominando-se IDH-Municipal ou IDH-M e, os indicadores levados em conta são mais adequados para avaliar as condições de núcleos sociais menores. Fonte: http://www.sespa.pa.gov.br/Informa%C3%A7%C3%A3o/IDH/idh_oquee.htm

da Igualdade Racial¹¹ - do Senado nº 213, de 2003 (nº 6.264, de 2005, na Câmara dos Deputados); Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010, o imigrante senegalês entra no extrato da população que tem que transpor as barreiras impostas pela tonalidade da pele, para capturar uma cidadania que escapa aos negros, no Brasil.

CONCLUSÃO

Neste momento em que o Brasil vive uma sistematização da intolerância religiosa, os valores identitários negros / afro-brasileiros são recortados como um percalço a uma propagação religiosa da matricidade de religiões de matriz africana. Uma justificativa equivocada da realidade sociocultural africana, dos aspectos das políticas afirmativas e reparatórias que escavam os lastros das culturas e identidades brasileiras.

Um entrave que associado a limitação do reconhecimento dos saberes socioculturais e estudos acadêmicos, dos imigrantes senegaleses, tem muitas questões a serem resolvidas. A validação da titulação acadêmica, no Brasil, dos certificados e conteúdos das universidades do continente africano esta dentre as grandes questões que ajudariam a inserção social desses sujeitos.

Já que o brasileiro, oriundo dos povos africanos, perdeu a sua conectividade étnica, as trocas atlânticas tem possibilitado que as imigrações despertem uma discussão quanto as africanias que exigem respostas quanto a sua matricidade para o atendimento das leis reparatórias e afirmativas que legalizam a reescrita das narrativas da história cultural, quanto a memória coletiva do país. Nesse contexto, a imigração senegalesa confronta a memória da arqueologia da escravização e as tensões imperativas da socialização desses sujeitos, com a percepção da realidade africana e a consequente inserção social desses sujeitos.

Enquanto no nosso país, o negro continua concorrendo a anti-herói, o imigrante senegalês, constrói em Salvador uma extensão de suas comunidades culturais. Em uma demonstração de que o grande fluxo de pessoas do século XXI, pode nos beneficiar com um trânsito de novas possibilidades de conhecimentos e saberes, agregando valores a diversidade cultural do país. Portanto quem sabe um dia

¹¹ Estatuto da Igualdade Racial - Projeto de Lei Aprovado pelo Senado Federal, em 16.06.2010 que em parceria com as organizações civis negra, trabalha com seis eixos temáticos e temas transversalizados gênero, juventude, quilombolas, empreendedorismo).

alcancemos a realidade senegalesa, na qual todo negro é um cidadão, ou melhor a cultura e identidade não são narradas em preto e branco.

REFERÊNCIAS

BRASIL. LEI. N. 10639/03. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acessado em 02.12.14.

BRASIL. LEI N. 11.645/08. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acessado em 02.12.14.

CASTRO, YEDA. Pessoa de Castro. **Falares africanos na Bahia**: um vocabulário afro-brasileiro. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras/ Topbooks Editora e Distribuidora de Livros Ltda, 2009.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História Oral** : Memória, Tempo, Identidade. São Paulo: Ed. Autemtica: 2006.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro**. Modernidade e dupla consciência. São Paulo, Rio de Janeiro, 34/Universidade Cândido Mendes – Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

IDH.. **Valores e Desenvolvimento Humano** 2010. Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. Brasília, 2010. Disponível em: Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento Acessado em 11/12/13.

Império Wolof. Disponível em http://es.wikipedia.org/wiki/Imperio_Jolof. Acessado em 07.06.13. <http://books.google.com.br/books?id=rC7TYWPT--8C&printsec=frontcover&dq=inauthor:%22Boubacar+Barry%22&hl=pt-PT&sa=X&ei=aeCzUZ3DLNSq4AOo54GoDw&ved=0CEIQ6AEwAg#v=onepage&q&f=false>. Acessado em 19.06;13.

MATTOSO, Kátia. **Ser escravo no Brasil**. 2ª. Ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 2001.

ONU. PNUD em Ação – Relatório Anual 201. Disponível em <https://nacoesunidas.org/pnud-em-acao-relatorio-anual-2012/>. Acessado em 15.04.17.

ONU. PNUD em Ação – Relatório Anual 2016. Disponível em <http://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/library/idh.html>. Acessado em 15.04.17.

Quijano, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In _____ **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Edgardo Lander (org). Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. setembro 2005. pp.227-278.

RESTREPO, Eduardo. **Interculturalidad em cuestión**: Cerramientos y potencialidades Ámbito de encuentros. Volumen 7, Número 1, 2014 • pp. 9-30.

ROGÉRIO HAESBAERT, Rogério e BRUCEA, Glauco. **Desterritorialização na obra de Deleuze e Guattari**. Rio de Janeiro: Universidade federal Fluminense.

SAID, E. **Cultura e imperialismo**. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Cia das Letras, 2011

SANTIN, Terezinha; BOTEGA, Tuíla. **Vidas em trânsito**: conhecer e refletir na perspectiva da mobilidade humana. Porto Alegre: EdUPUCRS, 2014.

SANTOS, Mauro; BARBIERI, Flávio; MAGNO, José; MACHADO, Carla. **Migração**: uma revisão sobre algumas teorias. BELO HORIZONTE: CEDEPLAR/FACE/UFGM. 2010.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças**: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

THIOUNE, Rosane Prudente. **Kalama, o não escrito**: diálogos com os paradigmas da lei 10.639/03. Salvador: Dissertação. Uneb, 2014.

WALSH, Catherine. **Desenvolvimento como Buen Vivir**: arranjos institucionais e laços (de)coloniais. 2010.